

O DOMINGO

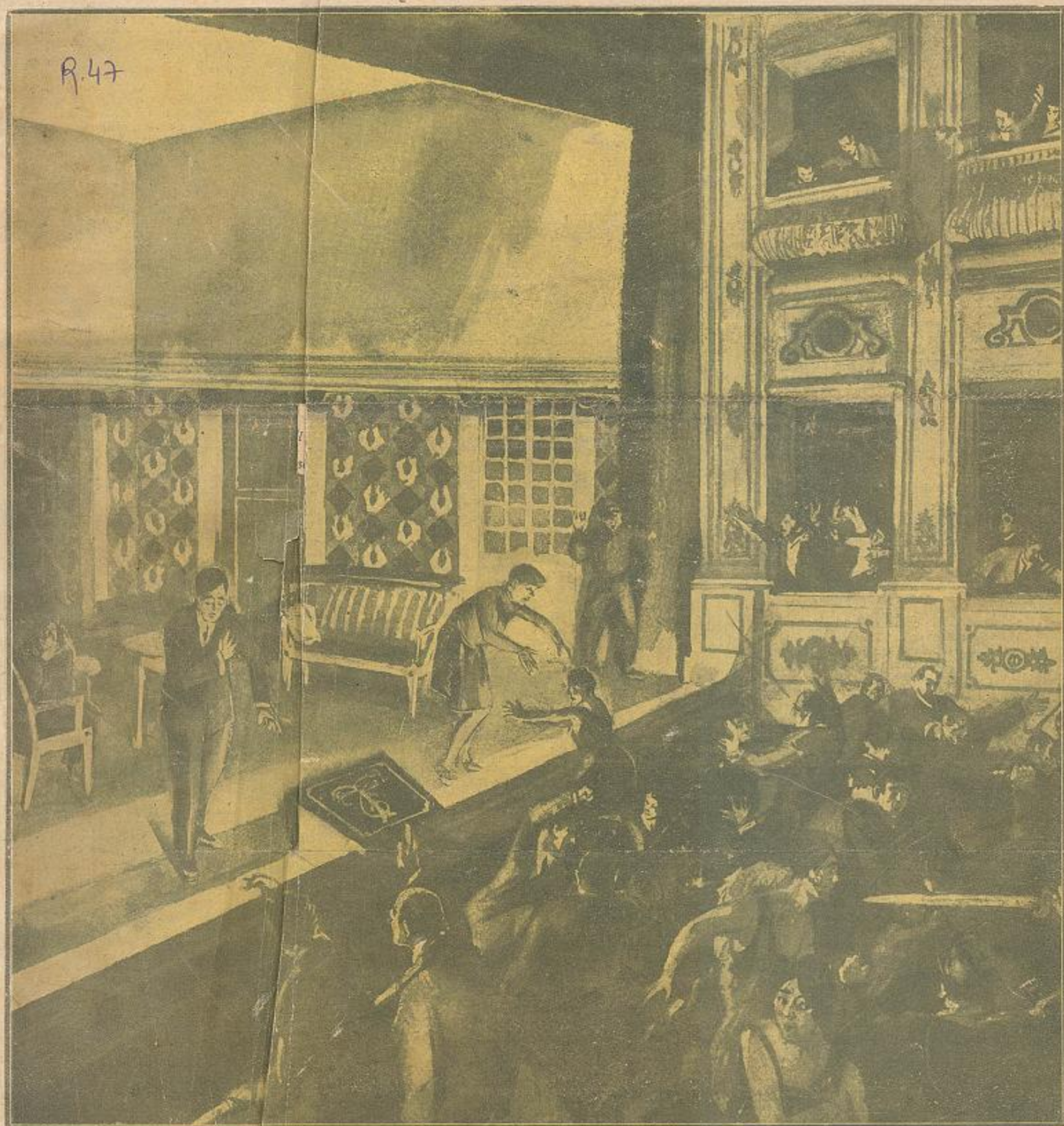
ilustrado

SEMANÁRIO

R. D. ALVARO 4-18
TELEF. 531 N. LISBOA

AGENTES EM

PARTE E PROVINCIA
NOROCCIDENTAL DO BRASIL



“Fin de fiesta” na Trindade

[Reconstituição in-loco]

Erico Braga, o audacioso empresário, põe em scena o drama “A Garçonne”. Uma pequena parte do publico, tomando-o por escandaloso, provocou graves disturbios, tendo a peça sido proibida durante uma noite. Resultado: enchentes consecutivas.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA cronica da semana

Má Língua

questão prévia

O REINO DAS MULHERES

CHEGOU ha dias a Livorno um navio russo tripulado só por mulheres. Camarada! Que linda tripulação!

O comandante—ou melhor o sultão do barco—entrevistado pelos jornalistas, declarou que ainda não tinha encontrado guarnição mais docil e disciplinada.

O navio é um primor de asseio. O «deck» brilha como um espelho. A «toilette» dos mastros e dos metais é irrepreensível. As mulheres obedecem á manobra como autenticos lobos do mar.

O navio segue a sua rota levando ao leme, em vez das mãos calejadas dum timoneiro, os dedos longos e finos duma mulher.

E nem por isso deixa de navegar ao rumo que lhe convem.

As sereias é que se mostram um pouco surpreendidas com a inovação. E quem sabe se algumas delas, durante as longas noites ceánicas, vendo a nave feminina vogar lentamente sobre o mar azul, começam a sentir uma certa vocação para «garçonnes»?...

NORBERTO LOPES

RECORDS

O 3.º ano de «O Domingo»

Com este numero entra o «Domingo Ilustrado» no seu 3.º ano de publicação. Sem recursos que não sejam os do seu pequeno capital inicial, não tendo por detrás nenhuma dessas entidades que financiam os grandes jornais, escrevendo o que lhe apraz para o publico e só para ele, o «Domingo», nesta terra em que as iniciativas similares morrem sempre, vingou, com o exclusivo favor do bilico.

Ultimamente, a criação da censura previa veio tirar-nos aquele sabôr de comentario pitoresco com que sempre animamos as nossas paginas. Paciencia! Dias melhores voltarão para a gente dos jornais, que ora tão tão grande crise atravessa.

Breve esperamos poder corresponder ao agrado do publico.

Os homens do braçal azul

Ha tempos publicámos uma capa em que

Um juiz, ou dois juizes, ou tres juizes ou um tribunal,—isto é, a auctoridade—«desprejam» dez duzias de infelizes numa das Avenidas da cidade.

Enxameavam num predio em construção que nem já se podia construir em vista de uma tal população pagar—e cá—para lá dormir.

Veio a Justiça, e zás, pôl-os na rua sem mais contemplação nem mais demoras; frio; noite ao relento; luz da lua; um rosario cruel de amargas horas.

Na realidade a lei tem asperezas que o coração não vê sem se apertar—demais a mais para almas portuguezas que são facéis demais de emocionar.

Mas é certo tambem que ha uma tendencia para torcer, para enlavar a lei, em prol de cem mil formas de indolencia a que é uso amoldar-se a alma da gria.

Neste caso especial eu não desejo louvar o gesto que lhes foi imposto; mas, confesso, appoiava tal despejo se fosse feito no calor de Agosto.

E não culdo ser anti-caridoso, e não dou fé de instinctos assassinos,—nem sou um senhorio «poderoso» que soffra deste mal:—ter inquietos.

E' que o exagêro morbido, doentio, de certas paixões mal entendidas,—como o que protegesse o cão vadlo mantendo em risco numerosas vidas,

verberámos o procedimento dos policias de transitio encarregues de fiscalisação e multas.

Valeu-nos a graça duas autnações ao auto-movel do «Domingo Ilustrado». Afinal agora prova-se que tinhamos toda a razão nos nossos ataques e foram expulsos varios agentes que roubavam sistematicamente o Estado e os «chauffeurs». O que tem porem mais graça é que ficaram sendo punidos apenas em 5 dias de suspensão (!) outros agentes que roubavam, mas tiveram a atenua te... de confessar!

Enfim, do mal o menos!

Mais uma!

Em cima são os policias que roubam—uns são perdoados porque confessaram. Agora lemos esta: a prisão do auto-movel que conduzia o director... das Cadeias, noticia em estilo

é um dos males cá da nossa terra contra o qual é preciso reagir. A lei mogô dez?—E tudo birra. Um mal de todos?—Quem se fofouvir?!

Não vimos nós armar-se em palαιο dos pobres que soffreram desta vi. o Noticias—que é sempre sybillim, quando o caso interessa a quem diz?

Soffrem cem por viver onde não dizem—tinha embora desculpa o seu viz? Mas locas lacrimosas que se escreveu mais frementes de horror não pod ser...

Mas comem todos um pãozinho haivel por tranquiernas que não são segão? —Logo o Noticias, coração sensível sobre o negocio fica mudo e quêdo.

Porque passam,—os cem—um matheccado, lóca a largar larachas bolchevistas mas, onde soffrem todos, tão calad com tantas propensões capitalistas!...

Se algum dos despjados,—que eu invento,—em tão lindas contigas se fic u e para arranjar cisa de momento anunciou no Noticias—não pagou?

Creio que o coração desse periodico vive em alturas de onde nunca boix seu desespero tragic, espasmódico, vibra nos calxotins—mais que na caa.

Dê-se um abrigo, sem lamuria fatul a quem a lei, que é lei, desal jou. E onde ha fme, na tatica inconsulta leve o Noticias sem alarde inutil mesmo do pão que a Moagem amasou...

TACO

pescadinha de rabo na bôca, que se deixa de ter o seu sabôr.

Descarramento e descarrilamento

Deu se agora um grave desastre, devido ao mau material da Carris e que pôs emperigo de vida não só os desgraçados passageiros dum electrico, mas até os não menos desgraçados transeuntes que iam perio.

Por isso a Carris—a mais humíristica das companhias que nos exploram—declarou ou fez constar que puniria o guarda-reio se se provasse, etc, etc...

Quer dizer, se se não provar o ex, etc, não pune nada.

A unica coisa afinal provada é que se podem esmigalhar as costelas ou apanha com um

O contrario do que, segundo João Deus, acontece com o beijo, que sendo na face «pede-se e dá-se», o conselho é uma coisa que ninguém pede, mas que toda a gente está sempre disposta a dar.

Podê existir alguém que nunca tenha dado um vintem a um pobre, dez reis para o Santo Antonio ou um suspiro de pena, o que não ha com certeza é quem nunca tenha dado um conselho a um amigo, a um parente ou mesmo a um desconhecido.

Nas mais graves situações da vida, como nas mais amenas, ha sempre uma voz que se ergue a dar-nos um conselho. Trata-se, por exemplo, da morte duma pessoa querida, que nos deixa amafanhados e soluçantes perante o irreparavel. O conselheiro, correctamente vestido de luto, abraça-nos, levando protocolarmente aos olhos o lenço, que logo retira, virgem de lagrimas, para nos dizer com uma voz grave: «Então, meu amigo, resigne-se, todos temos de levar este caminho!». Mas se em vez das tristezas dum funeral foi a alegria dum casamento que levou o conselheiro á nossa cessa, ei-lo que avança radiante, de seu colete branco, no momento solene do copo de agua e, sustentando delicadamente entre dois dedos um «petit-four», profere estas palavras prudentes, apontando a noi a e piscando o olho: «Faça-a feliz, meu car», é o conselho que lhe dou! Em regra, recalca-se com um sorriso, tão amarelo como a trouxa de ovos que se está saboreando, o desejo inten o de atirar o conselheiro pela janela, lembrando-nos que do nosso acto violento poderiam resultar complice ções que nos levaria a passar a noite de nupcias num calabouço do governo civil.

Para uma dór de dentes ou para um aperto de dinheiro aparece sempre alguém que nos dê um conselho a propósito, o que nunca surge é quem nos tire a dór ou tire de embarços: «Ponha uma bolinha de algodão em rama no dente!» ou «Assine uma letra a tres meses!».

O conselho varia conforme o conselheiro. Ha o conselho imperativo: «Faça o que eu lhe digo!», como ha o conselho insinuante: «Eu, no seu caso fazia...». Em suma, a mania do conselho é tal que no tempo da monarchia até havia conselheiros honorarios, o que não quer dizer que os não haja sob a Republica. O que não leem e c rta, nem pagam d reitos de mercê.

Batendo penitentemente no peito, confesso que, apezar de notar a pecha alheia, tambem já pequei por aconselhar. Deu se o caso em certa ocasião em que, farto de ouvir, tomei o meu conselheiro pela banda do casaco e lhe bradei junto á face:

«Queres um conselho? Não des tantos conselhos!» Que me lembre foi a unica vez que aconselhei alguém.



electrico nas ventas, sem que isso cause o menor abalo... ao tranquilo colosso de Santo Amaro.

Nem Imprensa, nem Camara, ninguém protestará!

EXAME



O Senhor Pipa e o Senhor Espinofre, para dermirem uma questão de honra, chegam ao campo da dita.

Diz o Senhor Pipa ao juiz: Não é justo que aquele Senhor atire á mesma distancia que eu para ele. Ele tem uma grande vantagem, dando o maior tamanho que eu ofereço para alvo.

Diz o juiz: Tem muita razão, Senhor Pipa. Eu vou já dar remédio no caso, com violência, rapidez e economia. Volto já.

Volto o Senhor Juiz com uma lata de tinta e traça, com esmero e sollicitude, dois riscos verticaes no longo do bojo do Senhor Pipa.

Concluiu a obra diz para o Senhor Espinofre: Assim está tudo bem. Se você ocer-ta no corpo do Senhor Pipa fóra dos riscos que tracei, isto não valia e voltamos á primeira fórmula!...



—O que é uma Tribuna? —É a mulher do Tribuna. —Que tolite! O menino não vê que se fosse a mulher não o deixava falar a ele!...

Página Alegre por Xisto Junior

RESERVADO PARA SENHORAS

A CONTECE-ME, por vezes, como de resto é frequente com quem redige em jornais secções deste género, receber cartas de leitores que, sempre assíduos e constantes, se permitem dar-me sugestões de assuntos para tratar nesta página.

O leitor, pessoa aliaz excelente, tem em regra uma errada ideia do que seja um jornal, um jornalista e uma redacção. Supõe que o jornal é feito para tratar as coisas particulares e mínimas da vida de cada um; imagina o jornalista um inspirado, capaz de extrair emoção dum talo seco, de couve; fantazia uma redacção como um lugar de cavaco erudito, espécie de cenáculo em que se debatem amenamente assuntos de politica, arte e literatura, entre paradoxos, trocadilhos, aladas ironias, tomando-se bebidas e fumando-se caro.

Vem este exordio a propósito das cartas, a que de entrada me referi, em que se proporcionam alvíres e sugerem motivos de artigos áquelle «senhor redactor», que tem as costas largas para aguentar o fardo de tantas ideias, que aos seus autores parecem excelentes e definitivas. Tem-me acontecido, em mais dum periódico, receber denuncias dos mais recatados ridículos pessoais, com estas palavras de incitamento: «Isto, sr. redactor, é que lhe dá um artigo de mão cheia».

Outras vezes, são pessoas que não fazem a mais tenue e ligeira ideia do que seja uma crónica amena, que quasi me impõem os assuntos mais solenes e graves, e que só podem encontrar expressão e lugar no artigo de fundo: «Porque é que V. não ataca de frente o problema da carestia da vida?» Ou pior ainda: «Diga, sr. redactor, ao paiz inteiro, na secção que tão brilhantemente redige, algumas palavras elucidativas sobre a nossa divida de guerra».

Devo contar alguns inimigos entre as pessoas que, tendo-me dirigido mensagens desta natureza, certamente não deixaram de sentir-se chocadas com o meu silencio, que pôde significar desdem por tão alevantados alvíres. As razões expostas justificam o meu pro-

cedimento e a excepção que hoje vou abrir mostra bem que nem todas as sugestões caem em saco rito.

Com effeito, chegou-me há tempo ás suadas mãos uma perfumada carta em que uma leitora, com aquella caligrafia moderna que leva dois dias a decifrar, me censurava com brandura e levemente por eu não me occupar de assuntos que principalmente interessam ás senhoras. Conscio de não ter feito até hoje prosa só para homens, não deixei, todavia, de concordar em que a «constante leitora» tinha camionadas (para me exprimir com mais apropriado neologismo) de razão e desde logo formei o propósito de cumprir essa obrigação



para com o gentilissimo sexo, a que por especial deferencia costumamos chamar fraco.

Um artigo para senhoras? Não era facil, desde que se não tratava dum colar de perolas falsas ou dum saquinho de mão, artigos de que todas as senhoras gostam e que presentemente não dispensam. Já me dispunha a fingir que não recebera a carta da «constante leitora», quando a ideia do artigo surgiu, nitida e vitoriosa: um pouco de modas, um tanto de *ménage*, alguns conselhos de *toilette* e a simpatia das senhoras fica-me garantida por dois anos, como dantes acontecia com os relógios.

MODAS—Segundo as mais recentes revistas francesas da especialidade, a grande moda do proximo verão, para campo e praias, vai ser o vestido decote. Como o seu nome indica, o vestido é constituído pelo decote, que se fará maior ou menor, conforme a altura da senhora que escolher o figurino.

— Em Paris estão-se usando muito as meias de seda por dentro dos sapatos. Esta moda é dum magnifico effeito, mas torna-se dispendiosa, porque obriga a mudar repetidas vezes de meias, principalmente durante o «charleston».

— As roupas brancas, actualmente, são todas de côr e as «combinações» fazem-se em segredo, que é tecido de pouca resistencia, mas dum grande effeito moral.

— Os vestidos, tanto de passeio como de *soirée*, continuam a subir no comprimento e no preço.

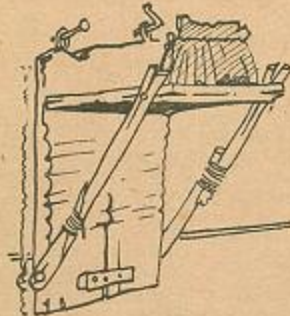
— E' dum grande *chic*, para uma senhora que prese a elegancia, fazer em francês as suas encomendas á modista. Recomenda-se, porém, o maximo cuidado com a pronuncia dos termos técnicos franceses, a fim de evitar confusões desagradaveis, como a que se deu, outro dia, num conhecido *atelier* de Lisboa. Estando ali uma senhora a fazer escolha de modelos e tendo-lhe a modista mostrado alguns *robes*, por que pedia dois e três contos, a cliente, indignada, exclamou:

— Não, «robes» mais não!

Disto resultou que a modista, por vingança, aumentou cem por cento na conta, porque a fregueza tinha a pronuncia defeituosa.

— Está completamente fora de moda o uso de sapatos de ouro com vestidos de cerimonia, sendo tambem consideradas de mau gosto as botas altas, de cordovão, com *toilettes* de noivas.

SEGREDOS DE «TOILETTE»— Para se obter uma pele fina e setinosa, o melhor é comprá-la nas lojas da especialidade. Porém, para quem deseje utilizar-se dos recursos caseiros, recomenda-se o seguinte tratamento, que é absolutamente eficaz na sua simplicidade: tomam-se vinte gramas de azeite



virgem; ou que pelo menos o pareça e dissolveem-se, a frio e cruelmente, no azeitado liquido, cem gramas de mostarda eem pó; adiciona-se um pau de canela, meio quilo de potassa e duas pitadas de clorêto, agitando tudo dentro dunma garrafa de agua de Vidago. Deixa-se, em seguida, assentar a mistura durante dois dias, depois do que se deitita fora com garrafa e tudo, fazendo-se nesse momento a jura solene de não pôr no rosto ingrediente algum de qualquer espécie. Ao fim dum mez deste titratamento a pele tornou-se macia, fresca e agradável á vista e aos restantes quatro sentidos.

— Os cabelos brancos são o flagelo das senhoras. O melhor processo para se livrarem deles é arrancá-los á medida que vão aparecendo. Quando estiverem todos arrancados manda-se fazer um *chinó* com eles, depois de tingidos ccom tinta de escrever, que é o que mais resiste, porque já lá diz o

provérbio que as palavras vôm e os escritos permanecem.

— Uma senhora nunca tem calos, porque não se concebe uma mulher calada. Se, porém, algum calo traiçoeiro se introduziu entre os dedos dos pés de qualquer de vossencias, o que há a fazer, além de não ir a apertos, é calarem-se com o caso.

«MÉNAGE»— Nada há mais encantador que o lar. Por isso devemos dar-lhe todos os nossos cuidados, tornando-o ainda mais atraente e apetecivel. Não é necessário ninguém arruinar-se para ter uma casa confortavel e mobilada com gosto. Um inteligente aproveitamento de algumas inutilidades pôde trazer ao lar um mais estético conjunto de bem estar. Daremos algumas sugestões:

— Um banco de piano, que está no quarto das velharias, bem aproveitado, pôde dar um artistico botão de campainha eléctrica, para o que bastará desenroscar-lhe o assento, applicando-o na porta.

— Aquele caixote, que está no sótão e que é um ninho de ratos, adapta-se perfeitamente a cómodo *maple*, desde que o mandemos estofar, revestir de pele ou de veludo e pôr-lhe umas costas com molas macias. Colocado, de canto, num gabinete de trabalho, ninguém dirá que está ali um caixote; o que pôde dizer é que mais valia ter-se comprado um *maple* autentico.

— Pequenos nadas, que são tudo numa casa. Naquele porte-*bibelots* (que fizemos com a tábca de ensaboar fóra de uso, a táboa de engomar já rachada e dois paus de vassoura sem vassoura) fica bem um *cache-pot* artistico. Como obtê-lo, sem que a estética nos obrigue a gastos excessivos? Muito simples, mente! Pega-se numa velha chaleira de ferro esmaltado, que já não serve nem por um decreto, tira-se-lhe o bico e a aza, forra-se de seda azul plissada, põe-se-lhe dois folhos de renda de Malines e aí está pronto a funcionar o *cache-pot* a que só falta o *pot* para *catcher*, que em outra ocasião direi como se arranja com economia e asseio.

XISTO JUNIOR

DISCUSSÃO



— Maroto! Ai, meu Deus, porque serão os homens tão mentirosos?
— E' porque as mulheres são muito perguntadora!

PRESSA



— O sr. porque não limpa os pés no capacho?
— O' malher, vou com pressa. Limpo-os logo á saída.

Curiosidades

O USO DO CACHIMBO

O cachimbo é de origem americana. Apareceu na Europa depois do tabaco, como se calcula. Devem ter sido os navegadores portugueses que do Novo-Mundo o trouxeram para Lisboa, donde passou a França. Os indígenas do novo continente serviam-se, em geral, de cachimbos de metal, de pedra vermelha ou de barro cru.

É difícil precisar a data em que foi inventado o cachimbo.

Os holandeses foram os primeiros que criaram fábricas de cachimbos de barro. Depois nova indústria estabeleceu-se em França. O barro foi substituído por outras matérias, mas principalmente por madeira. Saint Claude, no Puro, é o grande centro de fabricação de cachimbos, que são exportados, em grande escala, para a Inglaterra.

OS PAISES DE MAIOR REDE TELEFÓNICA

Segundo estatísticas inglesas e americanas e informações suíças, os Estados Unidos são o país onde o telefone está mais espalhado, calculando-se que há 15,3 telefones por cada 100 habitantes.

Em seguida vem: o Canadá, com 12,3; a Dinamarca, com 9,2; a Nova Zelândia, com 8,7; a Suécia, com 6,9; a Noruega, com 6,2; a Austrália, com 6; a Suíça, com 4,8; a Alemanha, com 4; os Países Baixos, com 2,9; a Grã-Bretanha, com 2,8.

A França, que há três anos ocupava o décimo nono lugar, desceu para o vigésimo terceiro, com 1,63 telefones por cada 100 habitantes.

OS ANIMAIS E A MÚSICA

É de observação frequente o efeito de simpatia ou de antipatia que qualquer som, harmónico ou desagradável, pode produzir nos animais. Há cães que ladram ao ouvir tocar a porta ou ao ouvir música, e há feras que são atraídas pelos sons musicais, chegando por vezes a perder o próprio instinto de conservação.

A sensibilidade dos animais para a música e a influência desta sobre a sua disposição de ânimo foram observadas num concerto que os artistas do Conservatório de Paris deram aos elefantes do Jardim das Plantas, no 10 Praival do ano VI. Essa experiência foi concludente, pois se observou que as mudanças de atitude, indo da agitação à serenidade, da alegria à tristeza, coincidiam com as diferentes partes do concerto. Da experiência concluiu-se que os ouvintes não eram só sensíveis ao ritmo, pois que a mesma ária comovia-os ou deixava-os indiferentes, segundo o tom em que era tocada, e que não era apenas o tom que determinava a mesma atitude, visto que várias árias, tocadas no mesmo tom, produziam efeitos diferentes.

A faculdade que possuem os animais de aperceber os sons implica a de os reconhecer e mesmo de os prever, associando, perante gestos humanos, impressões visuais a recordações auditivas. Não é raro o exemplo de cães porem-se a uivar ou a ladrar, quando os donos pegam em algum instrumento.

A Mobiladora

DE

JOÃO ROZADO

COMPRA E VENDE MOVEIS
NOVOS E USADOS, ANTIGOS E
MODERNOS
E CASAS COMPLETAS

112, R. Eugenio dos Santos, 112
Antiga R. de Santo António - Em frente à R. dos Condes

LISBOA

Os nomes dos meses

COMEÇA o ano. Começa a desfilar-se o rosário dos meses, rosário que as mãos do Tempo não se cansam de correr, rosário que se quebra, por vezes, nas mãos dos homens, quando a Morte olha para eles...

Vejamos o que se sabe sobre os nomes dos meses, os doze filhos do Ano, que todos os anos vêm morrer o pai.

Sabe-se que tem o nome mitológico de Zodíaco a zona circular onde estão as doze constelações que o Sol parece percorrer durante o seu movimento anual em volta da terra. O primeiro signo do Zodíaco é o de «Aquário». O nome do primeiro mês do ano vem do nome latino «Januarius», o qual é um derivado de «Jano», nome do deus que tem por missão abrir e fechar o céu à luz; o nome de «Janeiro», por seu turno, vem de «janua», que significa «porta». «Janeiro» é como que o mês encarregado das funções de porteiro, de abrir a porta ao ano. Entre as mais notáveis efemérides de Janeiro, citaremos apenas a morte do rei D. Denis, a 7 desse mês, do ano de 1325; o nascimento de Molière, a 15, em 1622; a insurreição da Polónia, a 21, em 1863; a revolução republicana do Porto, a 31, em 1898.

O segundo signo do Zodíaco é o de «Pisces» ou «peixe». O nome de «Fevereiro» vem do latim «Februarius», o qual, por sua vez, deriva de «februa», palavra com que designavam os sacrifícios expiatorios e as purificações. «Februarius», era o mês em que os romanos se purificavam das culpas cometidas nos meses anteriores, celebrando sacrifícios durante as festas chamadas «Lupercales» e «Quirinalia». Como grandes efemérides de Fevereiro, apontaremos somente o duplo assassinato do rei D. Carlos e do Príncipe Real, no dia 1, em 1908; o nascimento do Padre António Vieira, a 7, de 1608; a morte do filósofo Kant, a 12, de 1804; o nascimento de Voltaire, a 20, de 1694; o nascimento de Schopenhauer, a 22, de 1788; a entrada de Carlos V no mosteiro de Juste, a 24, de 1557.

O terceiro signo do Zodíaco é o de «Aries» ou «carneiro». O nome de «Março» vem de «Mars», nome do mês que era consagrado pelos romanos a «Marte», o deus da guerra.

Efemérides notáveis deste mês: a 13, de 1881, a morte, vítima dum atentado, o czar Alexandre II; a 15, de 1917, começa a revolução russa e o fim do czarismo; a 22, de 1921, Gago Coutinho e Sacadura Cabral vão à Madeira, em avião; a 26, de 1826, morre Beethoven; a 28, de 1810, nasce Alexandre Herculano; a 30, de 1922, Coutinho e Sacadura partem em avião para o Brasil.

O quarto signo do Zodíaco é o de «Taurus» ou «touro». O nome de Abril ou vem de «April», que significa «espuma» (alusão ao facto de ter nascido da espuma do mar a deusa Venus a quem os gregos dedicavam este mês), ou de «Aprilis», nome derivado do verbo «aperire», «abrir» (alusão ao facto deste mês abrir o ano, no calendário de Rómulo, ou ao facto de neste mês se abrirem as arvores em botões). Efemérides notáveis do mês: a 4, de 1832, morre Mousinho da Silveira; a 7, de 1924, partem os aviadores que foram até Macau; a 23, de 1616, morre o grande Cervantes; a 29, de 1826, outorga da Carta Constitucional.

O quinto signo é o de «Gemini» ou «gêmeos». O nome de «Maio» vem do da deusa «Maia», que era festejada no dia primeiro desse mês. Há, porém, quem julgue que vem de «maiores», os «antepassados», que eram honrados e festejados durante esse mês. As grandes efemérides do mês são: a 3, de 1500, descobrimento do Brasil; a 5, de 1821, morre Napoleão, em Santa Helena; a 6, de 1782, morre o Marquês de Pombal; a 8, de 1265, nasce, em Florença, Dante Alighieri; a 9, de 1805, morre Schiller; a 13, de 1699, nascimento do Marquês de Pombal; a 20, de 1498, chega a Calecut Vasco da Gama; a 20, de 1506, morre Cristóvão Colombo; a 23, de 1885, morre Victor Hugo, em Paris, sendo exposto sob o Arco do Triunfo.

O sexto signo é o de «Cancer» ou «caranguejo». «Junho», em latim «Junius», era o mês consagrado à deusa «Juno». Efemérides do mês: a 10, de 1580, morre Camões; a 18, de 1815, dá-se a batalha de Waterloo; a 20, de 1924, chega a Macau a «Équipe» Patria; a 26, de 1919, é assinado o tratado de Versalhes.

O sétimo signo é o de «Leo», ou «leão». O nome de «Julho» vem de «Julius», nome do grande imperador romano Julio Cesar, que morreu no dia 15 desse mês e nasceu também durante ele. Efemérides mais notáveis: a 4, de 1776, a Independência da América; a 8, de 1497, parte Vasco da Gama para a Índia; a 14, de 1789, a tomada da Bastilha; a 24, de 1802, nasce Alexandre Dumas; a 25, de 1139, dá-se a batalha de Ourique.

O oitavo signo é o de «Virgo» ou «virgem». O nome de «Agosto» vem de «Augustus», nome dado ao imperador Octavianus Cesar, sobrinho de Julio Cesar, a quem o mês foi consagrado. Grandes efemérides do mês: a 4, de 1578, batalha de Alcácer-Quibir; a 6, de 1660, morre Velasquez; a 9, de 12-0, sai a bula do estabelecimento da Universidade de Lisboa; a 14, de 1385, dá-se a batalha de Aljubarrota; a 24, a revolução liberal de 1820; a 25, de 1580, a batalha de Alcântara, entre os espanhóis e as tropas do prior do Crato.

O nono signo é o de «Libra». O nome de «Setembro» vem de «Septembris», que deriva de «septem» ou «sete». O nome foi-lhe dado por ser o sétimo do primitivo calendário romano. Efemérides do mês: a 5, de 1857, morre Augusto Comte; a 11, de 1891, morre Antero de Quental; a 13, de 1877, morre Alexandre Herculano; a 17, de 1850, nasce Guerra Junqueiro; a 27, de 1810, a batalha do Buçaco.

O décimo signo é o de «Scorpio» ou «escorpião». O nome de «Outubro» vem de «Octavus» ou «oitavo», por ser este mês o oitavo do primitivo calendário romano. Efemérides: a 2, de 1892, morre Renau; a 4, de 1220, morre São Francisco de Assis; a 5, de 1910, proclama-se a república em Portugal; a 14, de 1918, morre heroicamente o comandante Carvalho de Araújo; a 25, de 114, tomada de Lisboa aos mouros.

O décimo-primeiro signo é o de «Sagittario». O nome do mês «Novembro» é explicado por ele ser o «nono» do primeiro calendário romano. As suas mais célebres efemérides são: a 1, de 1112, morre o Conde D. Henrique de Borgonha; a 2, de 1533, Santa Teresa de Jesus entra no convento de Avila; a 8, de 1674, morre Milton, em Londres; a 8, de 1917, implantação da república soviética na Rússia; a 11, de 1918, o armistício da Grande Guerra; a 15, de 1889, proclamação da república brasileira.

O décimo-segundo signo é o «Capricornio» ou «cabra». O seu nome vem de «decem» ou «dez», por ser o décimo do primitivo calendário romano. Efemérides do mês: a 1, de 1640, a revolução da independência portuguesa; a 6, de 1185, morre D. Afonso Henriques; a 24, de 1524, morre Vasco da Gama; a 25, nasceu Christo, e a 25, de 1642, nasceu Isaac Newton.

O JAÃO POLITICO

No Japão, o mikado ou imperador tem todos os poderes mas segundo a Constituição de fevereiro de 1889, é assistido por um governo, no modo por ele e só perante ele responsável. As leis japonesas devem ser aprovadas por uma Dieta composta pela Câmara dos Pares — hereditários, eleitos por toda a vida, ou temporariamente — e pela Câmara dos representantes eleitos. Depois da revolução de 1868, a antiga organização foi substituída por outra, inspirada na organização europeia, e o governo local foi estabelecido, como em França, com prefeitos, sub-prefeitos, maiores, etc.

AS LAGRIMAS DAS VIUVAS

«Ève», o conhecido magazine feminino francês, diz que no país de Sogah as viúvas, quando se lembram dos maridos e sentem as lágrimas a cair, correm em busca dum frasco onde recolhem cuidadosamente essas mesmas lágrimas, sem que se perca nem uma só dessas «pérolas, frutos amargos da saudade». Quando o frasco está quasi cheio, a viúva vai piedosamente regar com «a água da dor» o túmulo do marido.

Um jornalista, comentando esta notícia, pergunta o que se pensará em Sogah das mulheres que sofrem sem chorar. Diz que devem ser pouco numerosas, menos numerosas do que as que choram sem sofrer.

A CÔR DAS PEDRAS PRECIOSAS

Em muitas pedras preciosas a cor é devida à presença de matérias estranhas disseminadas na matéria mineral em quantidade infinitesimal. Esta proporção é tão baixa, muitas vezes, que a análise não consegue estabelecerla. Acontece assim, por exemplo, com a esmeralda.

Quasi sempre são os óxidos que dão cor à pedra, principalmente o óxido de crómio para os rubis, o óxido de manganésio para a ametista, ou misturas de óxidos, como acontece com as safiras.

Segundo o grau de oxidação do colorante, assim o tom varia muito, na mesma substância.

HOMENS-VOADORES

Um inventor de Viena de Austria acaba de inventar a máquina individual para voar, munida de duas asas móveis e de um motor. Em conjunto, a máquina pesa cerca de 15 quilos. O que ainda não se sabe é se na prática terá sucesso.

O USO DAS PENAS DE METAL

A pena metálica já existia, de ouro e mesmo de ferro, no fim do século XVIII, mas o seu uso era muito raro. A sua invenção é devida a um mecânico francês chamado Arnoux, que a fabricava desde 1750, a título de curiosidade. Só em 1816 é que se estabeleceu, em Birmingham, uma fábrica de penas de ferro e de aço. Esta cidade foi, muito tempo, o unico centro desta industria, até 1846, ano em que foi criada, em Boulogne-sur-mer, uma fabrica de penas de aço.

Casa de esquina, e tamanha que enche quasi um quarteirão. É não há melhor quem tenha Ferragens da Gran-Bretanha E esmaltes marca Leão

A freguezia que lá fór P'ra comprar loiça comum Pode entrar, se faz favor P'lo Largo do Regedor 17 a 21

Mas se tiver grande afinco Em comprar um bom fogão Jarras de Cobre ou de Zinco Deve entrar p'lo 3 ou 5 Das portas de Santo António

Torradinhas sem migalhas Por cima café, sorvetes... —Se te metes em baralhas Tens lá trezentas navalhas Quatrocentos Canivetes.

FRANCISCO RAMOS

1, Rua Eugenio dos Santos, 5—LISBOA

Agencia Internacional de Viagens
PASSAPORTES HENRIQUE BRAVO
PASSAGENS

O agente oficial mais antigo de Portugal

SERVIÇOS INTERNACIONAIS DE PASSAPORTES E PASSAGENS

Rua Nova do Carvalho, 38, s/l D.^{to}—LISBOA

TELE FONE CENTRAL 2582

GRAMAS: «BRAVINHAGEM» LISBOA

INFORMAÇÕES GRATIS

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE
CAIU O CARMO E A
TRINDADE

por causa da GARÇONNE

Uma nota da "Comédia" de 9 do corrente: "Em Lisboa a adaptação scenica do romance "A Garçonne" provocou varios incidentes. A sala teve que ser evacuada. Eis uma noticia que surpreenderá bastante os que assistiram, em Paris, á representação desta peça anodina..."

Para os que viram a peça em Lisboa, nas noites tumultuosas, era muito difficil manter a neutralidade... Agora nós que tivemos a ventura de assistir á segunda representação, no mais religioso silencio, temos vontade de perguntar: Para que tanto barulho?

E, segundo parece, as coisas estiveram muito felias no Trindade, quarta-feira passada...

Murros, cabeças partidas, rebrilhar de pistolas...

A faculdade de se protestar em teatro vaese transformando, pouco a pouco, no direito de se protestar. Dentro de algum tempo, os actores serão interrompidos como nas Camaras: "Apoiado", "Não apoiado"! "Peço a palavra"! Vae ser de veras interessante...

O autor ficará em casa, com sentinelas em guarda.

E os actores virão para a scena couraçados para a hora do estilhar das cadeiras...

Razão tinha aquele empresario de uma aldeia da Escocia quando mandou afixar no seu teatro umas taboletas com os seguintes dizeres: "E' prohibido rir durante a representação, porque a peça é dramatica..."

Neste caso da "Garçonne" ha um aspecto curioso: Os que se indignaram e levantaram as mãos aos ceus, a bradar que a peça era immoral, já sabiam pelos jornais católicos que aquilo era fi dionio...

E, francamente... Escusavam de se incomodar.

Não iam lá.

Ainda se os tradutores tivessem alterado o titulo á peça, se a crismassem de "Vestal"... Mas não, o cartaz era bem claro: "A Garçonne" do sr. Victor Margueritte.

Cada qual vê as peças que entende, lê os livros que lhe apraz.

Os que agora vão á "Rua S-m Sol"—e são multidões que já se não contem n'um cinema; desdobram-se por duas salas de espectaculos, abarrotando as dia e noite—sabem de antemão que não é film para "jeunes-filles". Proibiram a entrada aos menores de 15 anos. Realmente é uma histoia bem amarga a q. e as creanças devem ser poupadas.

Mas quantos reconhecem, ao fim, desiludidos, que no film nada ha de immoral?!

E é uma partida bem pregada a esses espiritos doentes, ávidos de escandalo.

Respeitando, muito embora, as creanças religiosas e os escrupulos dos senhores espectadores que patearam "A Garçonne", não deixo de pergunta a mim mesmo: Para que, tanto barulho?...

CARLOS ABREU

SALÃO FOZ

VARIIDADES E CINEMA.....

.....BOA MUSICA.....

.....OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa



A crise

A época de teatro que está decorrendo oferece nos aspectos bizarro se curiosos. Os empresarios vivem do dia á dia. Nenhuns deles têm um plano assente, uma orientação segura, um objectivo determinado. Andam a bordejar; alguns aflictos, outros mais escapos e luzidios, mas todos fugindo á pancada de agua, prevista desde o principio da temporada.

No mesmo teatro ha uma peça por cada semana. E, quando um critico farto de ser tolerante, esboça um bocejo, traça mais viva a analize, revela aqui e ali um defeito, muito embora, propositadamente se esqueça de aprofundar a obra—logo a intriga lhe salta ao caminho, querendo suspeitar as causas da sua honesta atitude.

A época não atingiu ainda a sua plenitude de tempo, mas pelo esforço que traduz, pelas mudanças constantes de cartaz, e pela ausencia sistematica do publico,—traí já uma agonia dolorosa que, fatalmente, se hade resolvêr antes do carnaval. Apõz—será a miseria, o mabembe na provincia, a farça desbocada e ridicula. Como sintoma de fraqueza basta citar o facto dalgumas das nossas companhias de comedia apelleram para generos que lhe são opostos: variedades.

Ha dez anos o empresario que pensasse em tal seria lapidado. Hoje é tolerado e desculpado. Que o gosto do publico mudou? Necessitará ele dum picante revisteiro? Não! Nem uma coisa, nem outra! Apenas uma pessima escolha de repertorio, uma vida de sucessos occasionais, onde se ha escandalo não ha arte, onde se ha arte não ha brilho, e ainda a deficient organisação dos elencos, onde os bons interpretes, são sufocados pelo pezo morto das mediocridades. Actor banal que o favor e a amizade, classificavam de distinto tornando se empresario passa logo a ser adjectivado de illustre.

E' possivel que tenha dinheiro; o que não consta é que o talento lhe tenha brotado, milagrosamente depois das vacas gordas ou das combinações teatraes, quando antes era apenas uma mera e discutivel utilidade scenica.

As companhias que agora funcionam, reduzidas a metade ainda podiam chegar ao seu calvario. Assim como estão—é impossivel. Arriscam-se a morrer todas na mesma fogueira. Mas isto pouco ou nenhum interesse tem para nós. Perdendo se, perdem e desacreditam a arte. Desiludem o publico do teatro. Condenam com antecipaçào o futuro.

Os erros são evidentes—o destino claro. É que se não diga, que o expectador e o publico, não deram provas duma benevolencia excessiva. Temos accedido tudo. Teatro estrangeiro, ininterruptamente, sem uma clareira de original portuguez; companhias dramaticas recorrendo aos melhores nomes das artistas de variedades; sessões por espectaculos inteiros, etc. etc.

Ponto final a essa benevolencia! Que ventha a verdade.

ARTUR PORTELA

ARMAZENS BARROCA

31—Rua da Atalaia—35

Telefone T. 1095

MOVEIS, ESTOFOS, DECORAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, CARPETES, ETC.

SECÇÃO DE ANTIGUIDADES

DIALOGO

DA

"GARÇONNE" E DO FREI

LUIZ DE SOUSA

A GARÇONNE:—Estás bom, ó velhote?
FREI LUIZ.—Muito combatido estou, senhora minha...

G.—Então porque não ficaste em casa, no pó dos arquivos, a cogar-te?

F. L.—Sabei que não vim por vontade. Chamaram-me, logo que o "Paralítico" parou de todo, e eu vim. Um frade da minha idade, ainda não se nega...

G.—Foi um fiasco. Não t'veste ninguém. Olha para mim. Eu sou o escandalo cabolino, tu a chatice historica!

F. L.—Eu sou o bom teatro!

G.—tão bom que eles não vão lá, com medo de o estragar!

F. L.—Tive poucos, mas bons!

G.—Eu tive muitas... menos más!

F. L.—E' triste ver como me receberam...

G.—Não, filho! Triste é terem-se lembrado de ti. Tu morreste. Agora a vida é minha. Trata das unhas, pinta os olhos, dança o charleston. Porque não puzeste um "Jazz" na Igreja? Com a falta de casas hoje, qual é a D. Madalena que dirá: "Que não caem já estas paredes!" Queres um conselho? Pede ao Alvaro de Andrade para te traduzir, monta-te á moderna para agradares ao Ferro, manda a Amelia cuidar te dos interiores e põe a Conchita em "Fin de Fiesta". S; então o ministro te proibir—tens a tua fortuna feita!

V. S.

LER NO PROXIMO NUMERO A CURIOSISSIMA NOVELA DE

O HOMEM QUE PASSA

O colecionador de tragedias!

ATELIER

MADAME VALLE

ROBES ET MANTEAUX

RUA PASCOAL DE MELO, 9

LISBOA

Telefone 1401 N.
MOSTRA SEMPRE MODELOS DAS MELHORES CASAS DE PARIS

Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramatico do sr. director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro trabalhado e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico.
Direção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeas e americanas. Ultimamente grandes transformações de forma a torna-la a preferida do publico.

Nacional

S. Luiz

Politeama

Trindade

Avenida

Gimnasio

Eden

Variedades

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha—o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelinha Abrançes, a comedianta cujo nome dispensa elogios, e Perta de Bivar, artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro "melteur-scène" do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Azenuda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e bariton brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia estendida com os nomes de lida Stichlhal e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e antigo empresario Luiz Pereira.

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucia, com Erico, Almeida, Amélia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional.
As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Companhia Santanla-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico Alem de: Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanella, uma notavel actriz q. que renne o encanto duma mocidade fresca ao "dico" parisiense da seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites "O Pé de Salteado".

O teatro mais moderno e mais europeu. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, boa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo—fictos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o "Cabaz de Morango" peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama. Exitos, "fornados" triumphais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

COMO SE FAZ CALAR UM PIANO

QUANDO, em 1909, fui viver para um quarto alugado num 2.º andar da Mouraria, tive a infelicidade de possuir por vizinha uma senhora alemã com duas filhas, professoras de linguas e de piano.

Eu saía do jornal tardissimo e, por isso, as primeiras horas da manhã eram para mim aquelas em que mais e melhor podia descansar.

Sucedia, porém, que as duas raparigas que a má sorte me dera por vizinhas, tendo de passar todo o santo dia fóra de casa, só de manhã e ao cair

Facilmente se deduz destas palavras o que seria para mim o suplicio atroz de, no momento em que mais tranquilo era o meu sono, subitamente me sentir acordado pelo matraquear horrível do piano, executando imperturbavel trechos de Grieg e de Weber, as *Walkirias* e o *Siegfried*, numeros de revista e fados em voga, canções e modinhas de toda a especie.

Dir-se-ia que o piano tocava dentro do meu cerebro, tendo em cada nota uma resonancia formidavel, que enchia todo o aposento e se prolongava infinitamente, como se um éco maldito as repetisse em cada canto.

Era diario este tormento. E de dia

quasi me levava desta para melhor, mandei pedir ás pianistas a fineza de não tocarem áquella hora, expondo-se-lhes as razões dêsse pedido e mostrando-se-lhes quanto havia de humanitario em atende-lo.

Não ligaram elas a menor importancia á minha supplica, feita nos termos mais cortezes e humildes. Todas as manhãs á mesma hora, mais minuto, menos minuto, a tampa do piano erguia-se e eu acordava sobressaltado ao som dum estrondoso trecho de Wagner ou doutro compositor qualquer, condemnado a ouvir, preso ao leito como a um potro inquisitorial, o vasto programa das duas damas germanicas, gordas e rubicundas como dois paos trasmontanos.

Instei, supliquei de novo, tentando eu proprio comovel as com a minha dialectica e a minha dôr. Tudo inutil. O maldito piano tinha corda para cem anos e as duas alemãs não desistiam do proposito de me deliciar com o seu virtuosismo.

Em face disto, tomei uma resolução heroica: ser malcreado. E comecei a tratar mal quem tão mal me tratava a mim, estabelecendo do lado de cá da parede maldita acordes identicos aos do lado de lá, acompanhados pelo jazz-band de palavras pouco delicadas, é certo, mas em perfeita harmonia com as circunstancias.

Não sei ainda hoje—nem era facil de calcular—quem nessa altura fazia mais barulho, momentos havendo em que o piano, as minhas pancadas e os meus gritos vibravam numa revolta igual, dando a impressão nitida a quem nos ouvisse da musica dos manicomios... e dos salões de hoje.

Mas o piano não se calava e aquele inferno não podia continuar, sob pena de sermos corridos a tiro pela vizinhança ou escorraçados pela policia.

Estava já disposto a abandonar aquella casa e a pobre velha minha amiga, fugindo á tortura horrível a que fóra submetido, quando uma ideia me acudiu ao cerebro. O projecto que eu ia pôr em pratica era o unico capaz de fazer calar o antipatico instrumento. Se esse falhasse tambem, e eu tivesse de continuar ali, só a morte me libertaria dêle.

E comecei. Durante dias e dias sem fim o piano tocou, tocou, tocou, sem que eu erguesse o minimo protesto, antes uma vez ou outra, de quando em quando, esboçava alguns aplausos... comovidos. E, vigiando as duas pianistas, escolhi dentre elas a menos antipatica e estabeleci o cerco.

O instinto de salvação e a sede de vingança davam-me uma paciencia de aranha. Pouco a pouco, de leve, sem quasi ser presentido, fui me insinuando, por palavras e obras, no espirito e no coração da rapariga. Confessei-lhe a minha crueldade antiga e a minha admiração pelo seu talento musical. E louvei-lhe com calor a maneira como interpretava os grandes auctores, chegando a occupar-me dela na secção de musica do meu jornal, como se duma grande artista se tratasse.

Levei tempo a tecer a teia. Mas um dia surgiu em que as primeiras estrelas, espreitando pelas janelas dum recatado terceiro andar da Baixa, foram dar com-

CANTIGA

PARA

ENXOTAR O DESTINO

André Brun, o queridissimo e inolvidavel companheiro de trabalho é o auctor dos versos que se seguem. Ele, que não era um poeta, deixa na despreocupação sincera das rimas, que agora, por delicada atenção da sua viuva Madame Alice Brun, publicamos, uma nota da ultima melancolia da sua vida, quando já doente no Sanatorio dos Pirineus, procurava como ele diz *enxotar o destino*. E com que tristissima ironia o fez:

*Vae-te embora, Papão,
á minha porta sentado...
Deixa sonhar descansado
o meu pobre coração!...*

*Conheço-te: és o Destino,
esse cobarde assassino
da nossa ventura escassa.
Disfarçado sempre esperas,
ao raiar das primaveras,
cada alegria que passa.*

*Vae-te embora, Papão,
que eu procuro ser feliz...
Num lindo sonho que fiz
puz toda a minha ambição!...*

*Não me saias á estrada.
A minh' alma confiada
segue cantando e sorrindo.
Pela mão, como creança
leva-me a doce esperança
do meu sonho que é tão lindo.*

*Vae-te embora Papão,
que, de ver-te á minha porta
eu sinto já meia morta
toda a minha exaltação!...*

*Envenenas cada beijo,
apagas cada desejo,
cobres estrelas de lama.
No teu furôr de vencê-lo
fazes triste pezadêlo
ao sorriso de quem ama!...*

*Vae-te embora, vae-te embora,
sombrio Papão cruel...
Não derrames o teu fel
na minha ventura agora!...*

*Dá-me um ano, um mês, um dia
só que seja, de alegria!
Não me firas por enquanto.
Bem sei que um dia ha de ser.
Deixa-me um pouco viver
no sonho que sonhei tanto!...*

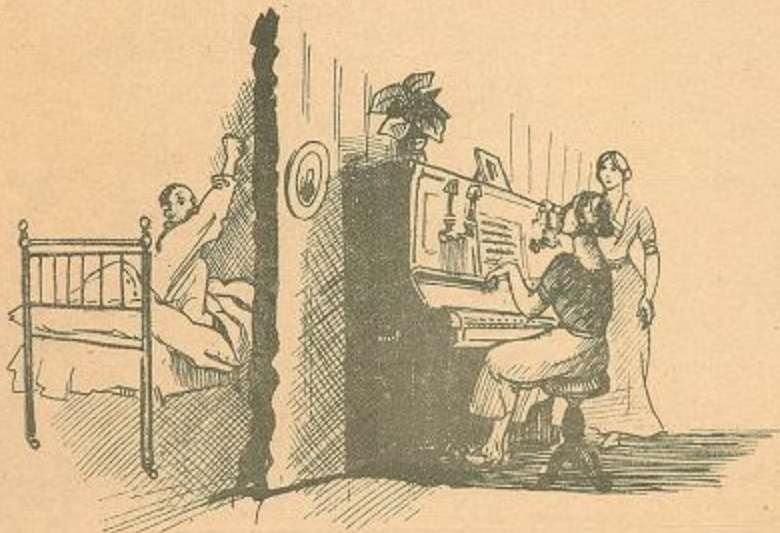
*Vae-te embora, ó Papão
á minha porta sentado...
Deixa sonhar descansado
o meu pobre coração!...*

ANDRÉ BRUN

nosco presos num apertado abraço, labios com labios, na volutuosidade dum beijo que ia ser, e foi, o primeiro passo para uma noite de amor...

E nunca mais a pobre rapariga consentiu que o piano de sua casa tocasse áquellas horas da manhã.

MARIO SALGUEIRO



... subitamente me sentir acordado pelo matraquear horrível do piano ...

da noite poderiam entreter-se ao piano, desferrando-se, então, nesses momentos, do abandono em que o deixavam durante tantas horas.

O andar onde eu morava era pequenissimo e o meu quarto o compartimento mais pequeno de todo ele. Não me convinha, no entanto, sair dali, pois a dona da casa era-me muito dedicada e tratava de mim como dum filho. Em face disto, o meu leito encostava á parede por detraz da qual encostava igualmente o piano das alemãs.

para dia eu verificava que eram cada vez mais negros os meus sonhos e cada vez mais triste a minha alma, á força de não dormir, obrigado pelas circunstancias a ouvir aqueles concertos matinaes do lado de cá duma parede de estuque e cabeceando com sono de longos dias.

Quando já não podia mais, atormentado por uma atroz neurassthenia, que

ELE já não podia de forma alguma viver n'aquella inferno. Era superior ás suas forças. A sua paciencia apesar de grande, as suas faculdades mentais apesar de robustissimas não podiam mais suportar aquella espiga, aquella grande espiga.

Com a moda agora adoptada nas revistas, de meter na memoria do publico a martelo e por musica, as canções de mais efeito d'essas peças e dado o feitiço do nosso povo, que em se lhe metendo uma coisa na cabeça, nunca mais de lá ninguém a arranca, a não ser pela substituição por outra do mesmo genero ou em ultimo caso, pela operação do trepano, inventou-se um novo suplicio auditivo para grande parte da humanidade.

Nomeadamente para quem tenha perto algum d'esses teimosos bipedes cantadores, que nos martirisam por varias formas e processos.

Uma das fórmulas mais vulgarmente usadas de causticar, entre nós, os ouvidos do proximo, é a das serenatas a desoras, quando as victimas de tal flagelo teem iniciado o seu primeiro sono.

E' um ruído sport a que numerosos Carusos de viola se dedicam.

E quanta vez, só porque na vizinhança existe uma donzela flirtosa e folhetinesca, está um bairro inteiro sujeito a passar noites em claro, devido á furia cantante de varios mancebos atiradiços.

São estes casos que deviam estar previstos nos codigos.

Mas infelizmente, apesar da caudal legislativa que ha muitos anos nos inunda, não houve ainda alguém que estabelecesse a justa sanção para tão insolitos atentados á tranquillidade alheia.

E se não fór a justiça privada d'um regador despejado a tempo ou d'um vaso de manjerico disparado com mão certa e oportuna, nada nos póde valer.

Vi uma vez um sujeito que, irritado perante a furia d'um cantador com voz de vitelo agonizante, assomou á janela furioso e começou batendo as palmas

ao guarda nocturno da area, para mandar calar o esganiçado moço.

Mas este, supondo-se aplaudido, redobrou de entusiasmo e de trinados e então o outro, perdendo a cabeça, alucinado, desceu á rua mesmo em chinelos e pyjama e se não lh' o tiram das mãos, fazia-lhe engulir a banza e a cantiga.

E por vezes ainda outros factos de maior gravidade podem dar-se.

Vem isto a proposito d'um caso de que tive conhecimento e na verdade lamentei.

Foi o d'um excelente moço, empregado n'uma casa importante e n'uma bela situação, a quem uma d'essas canções caídas no ouvido do publico teve o condão de transtornar em absoluto e desgraçar por completo.

Devemos concordar que certas canções, apesar de interessantes, se tornam intoleraveis, á força de repetidas.

No caso que passo a relatar, o flagelo foi a «Espiga», canção d'uma revista agora em scena, e que constituiu, de facto, para o pobre mancebo, uma grandissima espiga.

Depois de a ter ouvido no teatro, começou a escutá-la por toda a parte, nas ruas, nos clubs, nos bailes, nos cinemas. E por fatalidade tinha no predio onde morava varias vizinhas pianistas, um harmonium, um gramofone e duas pianolas.

Em certas noites o ruído do predio lembrava uma grande caixa de musica; e quando, cada um dos moradores escolhia musica diferente, era o efeito desafinado e pavoroso d'um jazz-band colossal.

Mas depois de estar em vóga esta canção, quasi sempre em todo o predio, os varios instrumentos atacavam em unisono a mesma Espiga.

E o meu pobre amigo, bloqueado por todos os lados, ouvindo a e-piga em todas as direcções e em todos os tons, tinha a sensação de estar n'uma seára infernal, cujas espigas lhe flagelassem o rosto, os olhos, a boca e principalmente os seus pobres ouvidos saturados.

Por vezes, não podendo ja suportar este suplicio, quando uma vizinha começava: «Oh! lh! Oh! Ai!»... ele punha o chapéu e saía porta fóra, como louco.

Por fim já bastava alguém junto d'ele dar um af para debandar n'uma loucura.

Outras vezes no meio do jantar ou do almoço, abandonava o garfo ou a colher a meio caminho do prato á boca e fugia esbaforido.

Mas na rua o desgraçado, ao sair a porta esbarrava com um operario que regressava do trabalho assobiando a «Espiga».

E contou-me que uma vez, n'uma d'estas fugas, para cumulo do seu martirio, ao sentar se n'um electrico, o condutor veiu cortar lhe o bilhete, trauteando a «Espiga».

Era de mais. Pensou em emigrar. Mas conteve-se, na esperança, de que abrandasse tão flagelante epidemia.

Mas qual. Cada vez esta frefre alastrava mais.

Uma noite dispunha se a escrever tranquillamente e com os ouvidos cala-

"ESPIGOMANIA" ou a historia tragico-musical duma canção

fetados de algodão hidrófilo, a uma prima de idade que vivia na provincia, quando instinctivamente, sem querer, ao começar: «Maria», continuou sem dar por isso: «são teus olhos azeitonas»...

Furioso quebrou a pena, rasgou a carta, amaldiçoou aquella terrível praga que lhe caíra na memoria e o perseguia mesmo em sonhos. Era ja obseção.

Para ele já todos os dias da semana eram da espiga.

E tinha subitas falhas de memoria, inexplicaveis enganos, lamentaveis esquecimentos, terríveis e desastrosas abstracções.

Certo dia, tratando com o proprietario d'um grande armazem de vinhos, de

E assim foi, infelizmente.

Uma tarde, estando reunida a direcção da Empreza que o tinha como empregado, mandaram-no chamar a fim de dar explicações sobre um dos seus ultimos e agora tão vulgares e tão estranhos esquecimentos.

E um dos directores, depois de lhe fazer sentir o transtorno que a sua falta ocasionára, terminou desabridamente:

— Ora isto assim não pode continuar. Já é de mais.

Então o senhor não sabia qual o caminho a seguir n'este caso? Não conhece os nossos contratos em todas as suas clausulas? E não conhece muito bem os meios de que me sirvo n'estas

GENEROSIDADE

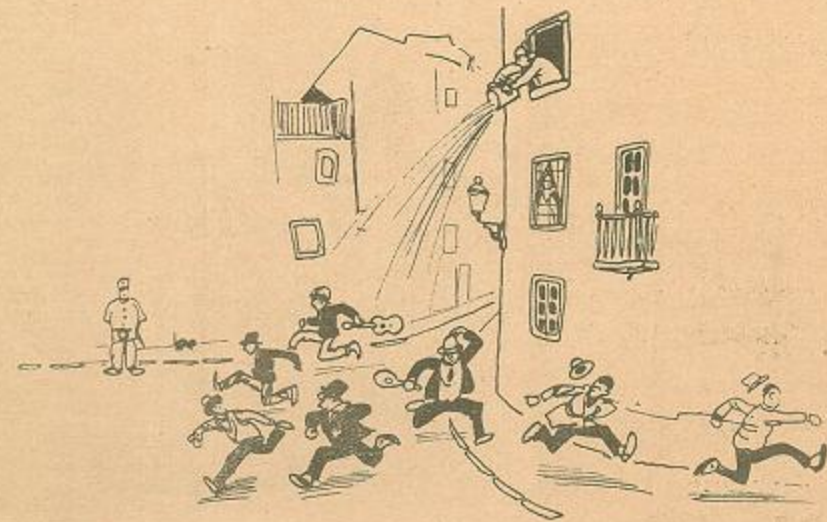


— Tãozinho, sonhei a noite passada que me tinha dado dez tostões.
— Está bem, rapaz. Como tens andado com juizo podes ficar com eles.

Ourivesaria do Pavão

RUA DA PALMA, 6 A 12
LISBOA

JOIAS, OURO, PRATAS, RELOGIOS



... regador despejado a tempo ...

qualquer negocio importante da firma onde trabalhava, ao ouvir o dono do estabelecimento dizer ao moço: — Veja lá esse vazilhame, d'aqui a pouco jorra o vinho dos toneis ...

Ele, sem se conter, continuou cantando: «para os labios das moçoilas, mais vermélhas que papoilas»...

E perante a admiracção dos outros, caindo em si, saiu furioso e praguejando.

E' claro que este estado morbido não podia deixar de ter funestas consequencias e um triste desenlace.

ocasiões? Não sabe os processos que eu adopto?

— Os seus processos? fez ele abstrato.

— Sim, bradou o director, não sabe os meus processos?...

E ele confuso, murmurou apenas:

— Os processos... os seus... sei-os, ... cachos d'uvas que abandonas, ... á vindima d'esta boca...

E caiu fulminado por uma sincope, ante o olhar esgazeado e atonito da direcção.

AUGUSTO CUNHA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA



MOINHO DE PACIENCIA
N.º 11 3.ª serie
SECCÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
16 JANEIRO 1927
DR. FANTASMA

Apuramento do n.º 5 (3.ª SERIE) 4
O LABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MARIANITA
N.º 15 10 Votos

N.º 1, de D. SIMPATICO 1 voto
N.º 5, de AVIARDO 1
N.º 11, de DROPE 1

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPE, HOPE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FERA, (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.
Com 22 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

CASTROLIVA (12), RENANDOF, ZÊ TEARDU (11)

OUTROS DECIFRADORES
D. SIMPATICO (T. E.) (8) DOIS PRINCIPANTES (7), VISCONDE DA RELVA (1).

DECIFRAÇÕES
1—Alpagosso, 2—comalido, 3—paladino, 4—emlevado, 5—giravego, 6—ciclão, 7—debaratado, 8—tremate, 9—plagado, 10—tombola, 11—babarê, 12—embarrar, 13—arco, 14—retroage, 15—FUTRICADA, 16—mão-posta, 17—smólis, 18—colma, 19—Bruno, 20—soldado, 21—guarda-mancebos, 22—patear.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS
N.ºs 4, 12 e 15, respectivamente, de ANELE, HO-MEM SEM NOME e MARIANITA, com 10 decifra-dores cada uma.

DEDICATORIAS
AFRICANO, HOPE, ORLANDO-O-PALADINO e VISCONDE DA RELVA, decifram o que lhes era de-dicado.

CHARADA A PREMIO
Houve 10 concorrentes: AFRICANO, D. GALENO, DROPE, D. VASCO, HOPE, LHALHA, LILI, MAMEGO, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FERA. Sendo a proxima lotaria (22 do corrente) de 9.500 bilhetes, cabem, a cada concorrente, 950 numeros, pela ordem acima indicada.

CHARADAS EM VERBO
1 O teu rosto almiscarado, -2 Supõe, cachopa, que eu beijo. -1 E tu ficas, meu desejo, Com o semblante corado?...
Lisboa BIXO KNHOTO

2 Todo o quê que bebe, a valer, -5 Sem olhar, com tristeza, esse horror, -1 Vai, aos poucos, matando o seu ser, Fica exausto, amarelo sem cor...
Dafundo D. SIMPATICO (T. E.)

3 Observa com atencão... A sorte terrificante... Que feriu, sem compaixão, Essa pessoa inconstante.
Coimbra FRANGERQUE

Ha na na aldeia leliana, 1 Uma lojea de vendas, Cujó dono, ao -ques parece, 1 E' um cobrador de rendas.

Lisboa MARIANITA

5 Arma preparar, Audaz caçador, Pronto a matar; Mas não tenhas dó! -1 Por ele afimar -1 (Velhaco sem par) Que foi delator.
Porto OTROPVLIS

Reconhecimente, aos amavis votantes das minhas humilimas produções)

6 Quem passa fome, e não tem Nem um centavo sequer, Se ainda possui alguém Que partilhe o seu viver,
Com singular constancia Dum caracter forte e nobre, Não deve ter relactancia Em dizer que não é pobre.
Muitas vezes o dinheiro, Força o rico a praticar -1 Acções de vil quadrilheiro, Que o lançam, triste, num mar
De remoras tormentoso, Sem o ferol da afeição A anunciar-lhe piedoso, O porto de salvção.
Viva pois alegremente, Sem pena da sua sorte, 1 O que, lenço o amor por no-te, Inda se julga indigente.

Lisboa BAQÜLHO

CHARADAS EM FRASE

7 Foi com radeza que o farmacutico me recebeu, por lhe ter levado uma «vasilha» para o «calcalote». -1 -2
Lisboa AFRICANO

8 Faço votos para que não recupere o mal das her-pes militares. -2-1.
Cascais ANELE

9 A venda do pau ferro deu-lhe um bom ganho na feira anual na Holanda. -1-2
Lisboa AVIARDO

[A Mamego, imitando o tea modo]
10 Já não são os utensíis de cozinha o que preocupa grande abundancia de senhoras modernas, hoje é o «sport» o ambiente dado a mulheres. -2-2
Lisboa DITE

11 Por esse decrescimento se «notas» que é desditoso. -3-1
Lisboa EURISTO

12 O homem perverso tem sempre «um» vivôr infeliz. -3-1
Lisboa JAMENOAL

13 No momento em que me pediram o dinheiro lembrei-me logo que não tinha trazido a bolsa. -2-1
Lisboa MAMEGO

[Agradecendo ao amigo Euristo]
14 O confrade diz que tem aspecto desagradavel o meu fato; e eu digo que o senhor é impertuno. -2-1
Lisboa ORDIGUES

15 Com esta «arma» não receio o chisês nem o maior valentao. -3-1
Lisbon PAUSANIAS

(Ao ilastre charadista Viriato Simões, pedindo desculpa do semi-plagio)
16 Sofri um duro castigo na «etade do navio» por ter destruido uma «carvore da India». -3-1
Porto RENANDOF

17 Alto ai! Eu, letinho como professor o ponto ligeiro e largo. -1-2
Lisboa SATURNO

(Ao illustissimo charadista D. Simpatico, parando a es-tocada que me coube como Visconde da Relva e não como campeão)
18 Sabedor do que se faz na T. E. e não vendo o con-frade nos «Quadros de Honra», julgo-o «am» dos não miú numerosos decifradóres sem «ajudas», sendo pois um admiravel charadista. -2-1
Lisboa VISCONDE DA RELVA

CRAS PALAVRUZADAS
Passatempo da moda
Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.— Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, b:m como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS, SPARTANUS.

DECIFRAÇÕES DO N.º 103

HORIZONTAIS.— 1 cerrado, 2 ded'cado, 3 rica, 4 poderel, 5 remendadoras, 6 rasurado, 7 Carfulcolas, 8 aífice, 9 asoara, 10 C. A. N., 11 JACONU, 12 tricot, 13 ele, 14 miller, 15 AL-LONH, 16 urbana, 17 contemporiso, 18 récti-cularel, 19 thesaurocripsonicochúisides, 20 sei, 21 bis, 22 seara, 23 ele, 24 cab, 25 LN, 26 ai, 27 des, 28 lar, 29 ova, 30 isola, 31 ais, 32 epl, 33 sim, 34 riv, 35 voc, 36 embranquecia, 37 pa-pilionacea, 38 lesa, 39 ol-vidava, 40 coroados, 41 Zeus.

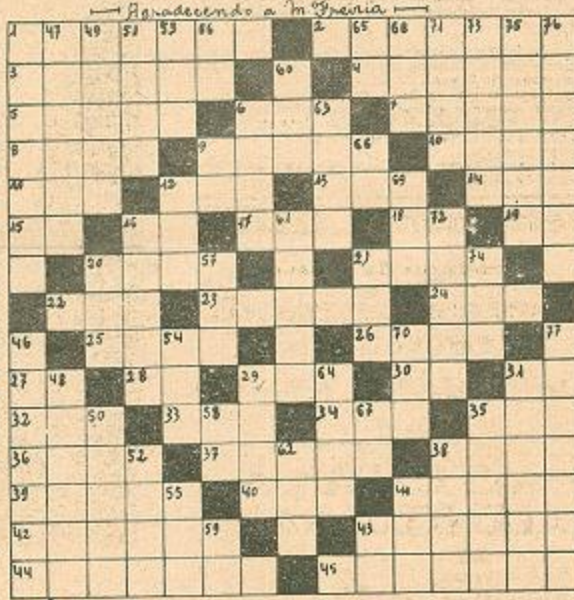
VERTICAIS.— 1 coa, 3 rolo, 4 prometeu, 8 ata, 18 RN, 19 terrível, 23 elevar, 29 orbs, 37 pó, 42 EDS, 43 réu, 44 RRRRRRRRRR, 45 AEA, 46 did, 47 era; 48 der, 49 imperfeito, 50 leu, 51 Ana, 52 DL, 53 ilumina-ção, 54 iria, 55 cair, 56 Assa-dura, 57 LRICH, 58 filo, 59 ACONS, 60 contamina-va, 61 Necessária, 62 CLBRI, 63 olaed, 64 neuse, 65 ateí, 66 MR, 67 pó, 68 occasioneí, 69 II, 70 S. P., 71 os, 72 CC, 73 IC fericia, 74 CH, 75 UR, 76 sebentas, 77 Elvira, 78 iar, 79 rei, 80 asso, 81 lapujo, 82 pai , 83 me, 84 no, 85 QL, 86 VV, 87 CD, 88 ja, 89 AV, 90 LD, 91 os, 92 AZ, 93 ce, 94 eut.

PROBLEMA D'HOJE
Original do nosso illustre colaborador «Renandof»

HORIZONTAIS.— 1 manifestação rápida de uma ideia, 2 cale do moinho, 3 abrigo, 4 amante, 5 mérito, 6 queixumes, 7 todas as letras de LANÇO, 8 campo, 9 feixe (inv.), 10 caudilho, 11 hora do officio divino, 12 existencia, 13 pron. pess, 14 entrega, 15 aqui, 16 «no a musical», 17 palmeira, 18 aliança (inv.), 19 contr. da prep. com o art., 20 a parte mais grossa dos mastros, 21 julgar, 22 abrigo de malfiteiros ou de gente suspeita (inv.), 23 vistoso, 24 motivo, 25 areia para moldar, usada pelos ourives, 26 gostam, 27 consinlo (inv.), 28 «conjunção», 29 face inferior do pão, 30 artigo (pl.), 31 «nota musical», 32 pe-daço de cabo na ponta da bolhua, 33 atracção, 34 «nota musical (pl.), 35 co npassivo, 36 acção,

37 descança (pl.), 38 remar para tras, 39 5 le tras de leiloar, 40 «ar ore da ilha de S. Tomé», 41 ri, 42 abismo (ant.), 43 seis letras de franzir, 44 opressor, 45 preparação farmaceutica cujo excitante é o vinho.

VERTICAIS.— 1 «ganço bravo», 46 lorpa, 47 saia branca, curta, e que as mulheres usam sobre a camisa, 48 cana da India, 49 cinco letras de malcreado, 20 pretexto (inv.), 50 lance, 51 o pão que paga quem cose em forno alheio, 16 capó e de pouca roda, 52 rogar, 53 idade, 12



Varia

O maior problema

DAMAS

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida a Perera Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 105

por H. Weenink
Pretas (16)



Branças (8)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 104 (P. H. Williams)
1. C. 3 T, R. 5 C; 2. D. 4 B +
R. 5 R; 2. C. 6 B +

Resolveram o problema n.º 103 os srs. Nunes Cardoso, (prof. Suetrio da Silveira e O. A. X. de Rio de Molho) (Abrantes)

Acontecimentos marcados para 1927: Janeiro: Match Alekhine—Ewec. Torneio em Londres para rapazes (com menos de 21 anos). 3.º Congresso de Hyeres.

Fevereiro: torneio em Baden-Baden.
Março: torneio de grandes mestres em Nova-York.
Julho: 5.º Congresso da Federação Internacional em Londres com torneio entre equipas representativas dos diferentes países.

Data incerta: Match Capablanca—Alekhine para campeonato do mundo.

O maior problema que todas as sociedades bem organizadas tem a resolver é o de amparar a criança de forma a libertá-la dos inumeros perigos que a ameaçam e podem ser evitados. As creanças de hoje são os homens de amanhã — é um lugar-comum nunca assaz repetido. Um povo de homens são é um povo de vencedores. Da saúde física vem a saúde moral, vem todas as virtudes capazes de resgatar os mais entranhados vícios da raça.

Vigiar atentamente a hygiene infantil é, portanto, o mais sagrado dever de todos os que estão á frente dos destinos duma nação.

Foi com prazer que lemos, há dias, no «Diario de Noticias», uma entrevista com uma senhora, a medica D. Maria Carolina Ramos, que se propôs efectuar um curso de puericultura, destinado a mulheres de diversas categorias sociais. Desejamos sinceramente que essa iniciativa logre o maior exito.

Em Madrid, celebrou-se recentemente uma

princesa—propôs que os medicos especializados em puericultura e pediatria, auxiliados pelos seus ajudantes, alunos e enfermeiras, dessem, em cem pontos diferentes de Madrid, lições práticas de profilaxia e hygiene infantil, utilizando, para estas lições, as escolas dos bairros populares ou os salões de algumas sociedades de recreio.

Nessas lições dir-se-hia o suficiente para que as mães aprendessem a maneira de trazer os seus filhos aseados, bem alimentados e cuidados.

A idéa, apesar de excelente, não poudo ser posta em pratica, por não se terem chegado a realizar, nesse tempo, as festas da creança.

E' digno de observação o facto de que nem só as mulheres do povo desconhecem os mais rudimentares principios de hygiene, estendendo-se a ignorancia ás classes mais elevadas.

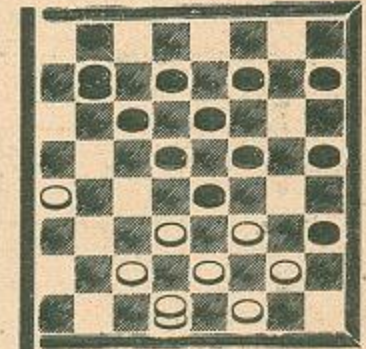
A maior parte das mães interpreta sempre o choro das crianças como sintoma de appetite

Solução do problema n.º 104

	Branças	Pretas
1	11-16	20-11
2	9-8	12-3 D
3	2-6	3-14
4	4-8	11-4 D
5	0-9	4-18 25
6	0 18 27	31-24
7	28-10-21-30-23	

PROBLEMA N.º 105

Pretas 1 D e 10 p.

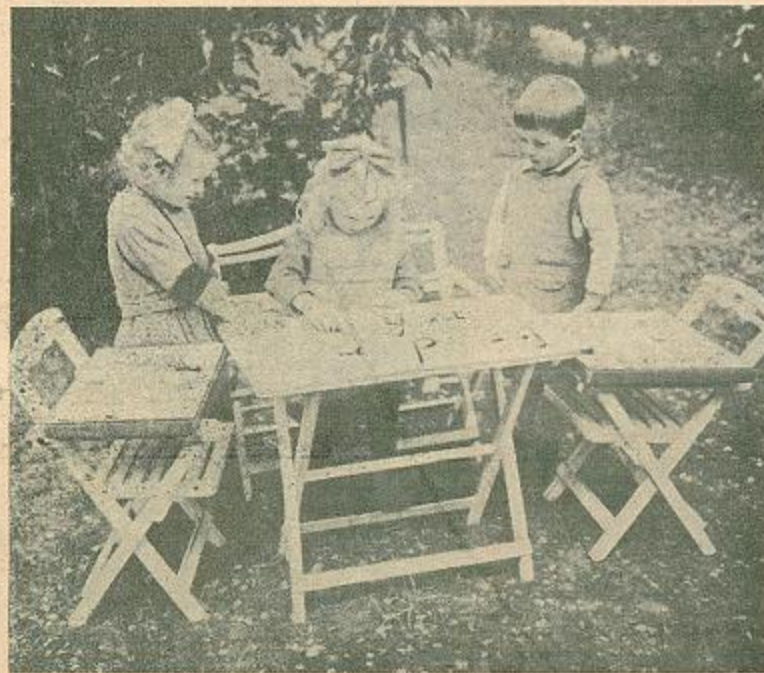


Branças 1 D e 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 103 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Oomes (Bemfica), Nivalme (Figueira da Foz), Sahlert (Porto), Suetrio da Silveira e Victor dos Santos Fonseca. O problema hoje publicado foi-nos enviado por Paiz (Arcos de Valdevez).

Toda a correspondência relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Floy Nunes Cardoso



Os primeiros exercicios de leitura, numa escola infantil alemã, onde as crianças estão quasi sempre ao ar livre.

«semana da creança», durante a qual alguns grandes medicos e pedagogos fizeram valiosas conferencias sobre puericultura. Talvez que, entre nós, qualquer cousa de semelhança se pudesse fazer, completando-se a série de conferencias com alguma iniciativa de ordem absolutamente pratica, como a fundação duma maternidade ou clinica infantil, ou ainda pondo em pratica a idéa que a actual princesa de Hohenlohe quis realizar há anos, em Espanha. Piedita Iturbe—que assim se chamava então a

devoação, e não procura saber se ele tem por causa alguma doença.

Os trajos infantis tambem são escolhidos ao acaso, o que pode prejudicar o desenvolvimento muscular normal. Tambem desconhecem como é nocivo ter sempre ao colo as creanças, recebendo e respirando as emanções dum corpo adulto.

Na Alemanha, ha varios estabelecimentos modelares para a educação fisica da primeira infancia. Entre esses estabelecimentos desta-

GRANDE OURIYESARIA, JOALHARIA, PRATARIA, RELOJOARIA E ANTIQUIDADES

DE

Joaquim Nunes da Cunha, Limt.ª

RUA DA PALMA, 109 a 106
RUA MARTIM MONIS, 27

Telefone N. 294

LISBOA

Compra e vende aos melhores preços do mercado brilhantes grandes, esmeraldas, perolas e safiras, joias com pedras finas e com mininos novos, moedas antigas de ouro e prata, relógios, caixas para rapé, esmaltes e tudo o que seja antigo em Ourivesaria.

Tem sempre para vender e tambem a peso joias, ouro e boas pratas, tanto antigos como modernos, comprados nos melhores fabricantes do Mundo e nos principais leilões de penhores.

Creme

Reine Alexandre

E' O MELHOR DA ACTUALIDADE

Extrai entre 3 a 5 minutos todos os pelos ou penugens desengraçadas, deixando a pele branca e asseelinada.

E' inofensivo, não irrita a pele e é superior á navalha de barba ou quaesquer depilatorios.

Preço 15\$00

Pelo correio mais 1 Escudo

DEPOSITO GERAL:

Drogaria Açoreana, R. da Prata, 93 e 103, 1.º

NO PORTO:

Drogaria Moura, Largo de S. Domingos, 121

Aos Diabéticos



V. Ex.ª quer vestir com elegancia e economia?... vista-se na



CAMISARIA—GRAVATAS

SUSPENSORIOS LIGAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Perfumaria ELITE

Produtos de beleza

CABELEIREIRO DE SENHORAS
PERFUMES CHICS

LARGO DO CALHARIZ, 18—LISBOA

TEL. 148 T.

AS CAPAS A ALEMTEJANA

São os Melhores Agasalhos e os mais chics

SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS



CELEBRE CASAS DAS TESOURAS

Peres & Abrantes, Suc. Tel. 3336N. Rua da Escola Politecnica 31-31A-33-33

MOVEIS E ESTOFOS

Ao Confortavel

DE

NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º

LISBOA

Cigarros "Murattis"

Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egipcio da mais fina qualidade, gosto e aroma inexcelsíveis. Vem em toda a parte os cigarros "MURATTIS" EQUIPCIOS. Importadores: VILVA CONTRERAS & Co.—R. 1.º de Dezembro, 7

Actualidades gráficas

INAUGURAÇÃO DO NOVO MERCADO DE CAMPO DE OURIQUE



O presidente da Camara e vereadores saindo do mercado após a sua inauguração.

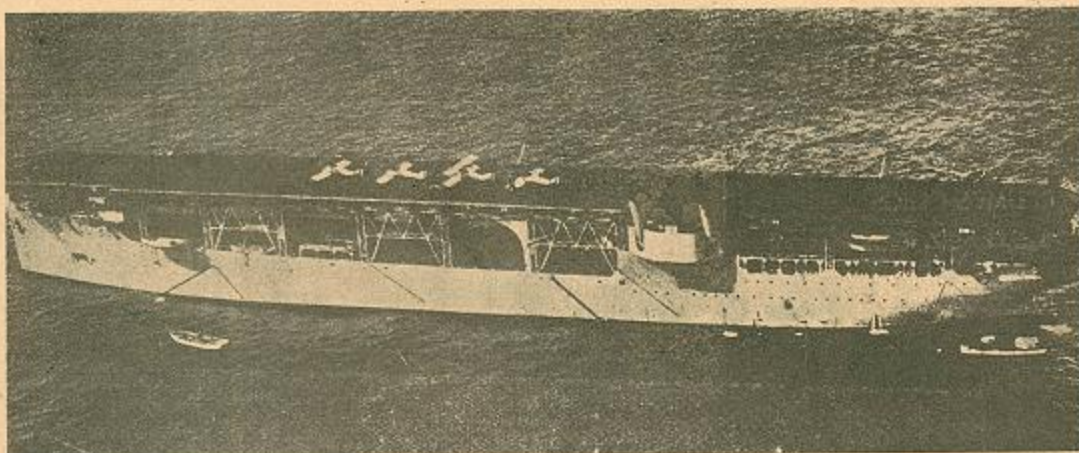
FESTA DE CARIDADE NO AVENIDA PALACE



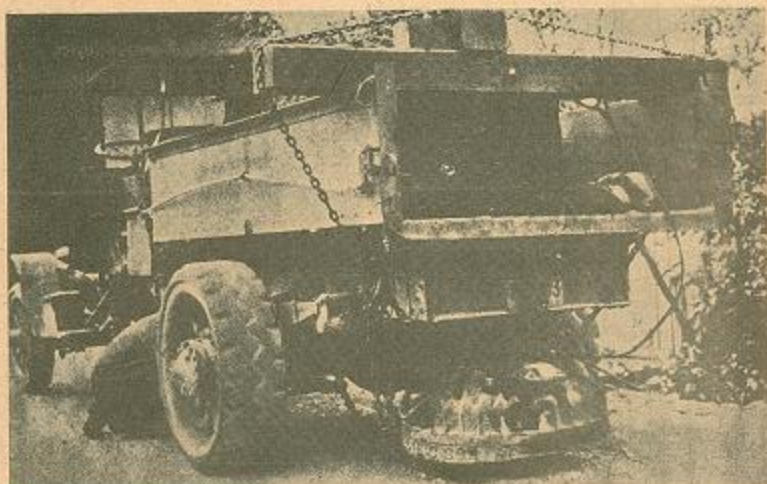
Aspecto do chá-dançante de caridade a favor das Florinhas da Rua.

Um campo de aviação flutuante

A marinha americana possui alguns navios gigantescos destinados a servirem de bases aeronauticas das suas esquadilhas de aviação maritima.



A PROTECÇÃO AOS AUTOMOVEIS



Na America, grandes camions com um fortissimo iman a pequena distancia do solo percorrem as estradas, levantando todos os objectos metalicos que são os peores inimigos dos pneumáticos.

O VIADUO MAIS COMPRIDO DO MUNDO

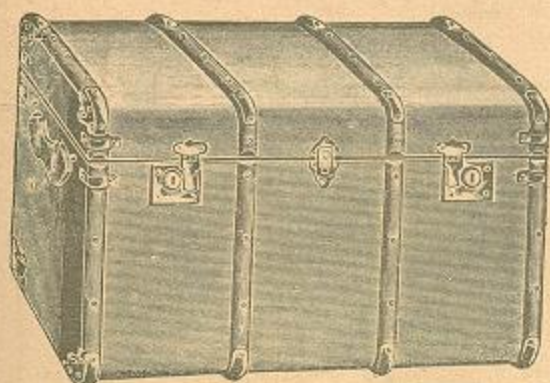


E' este, do Canadian-Pacific Railway, perto de Lethbridge. Sempre os americanos detentores dos records de construção.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

MALAS DE MÃO E DE CARGA DE VARIAS QUALIDADES E FEITIOS,
CARTEIRAS, PASTAS E ESTOJOS.
OS MODELOS MAIS ORIGINAIS EM ABAFOS DE PELES,
PARA SENHORA E CREANÇAS.



ARTIGOS ESTRANGEIROS COMPRADOS NA ORIGEM,
E NACIONAIS DE FABRICO PROPRIO
IMPERMIAVEIS, CAPAS DE OLEADO, GALOCHAS
E ARTIGOS DE NOVIDADE.

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A—LISBOA

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES
E LUXUOSOS
SERVIÇO
PERMANENTE
**MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO**
131. RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

P. A. GALAPITO

FARMACEUTICO

Rua dos Correiros, 174, 1º — LISBOA — TELEFONE N. 3403
CAIXA POSTAL N.º 286

ARMAZEM DE PRODUTOS QUIMICOS E ESPECIALIDADES
FARMACEUTICAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS
E CIRURGIA

FORNECIMENTOS COMPLETOS PARA FARMACIAS E HOSPITAIS

PRODUTOS ESTERILISADOS EM AMPOLAS, ETC.

Importação directa dos principais fabricantes



Casa Palissy Galvani

GUILHERME F. SIMÕES, L.^{da}

COLOCAÇÕES

LUZ ELECTRICA

E reparações de campainhas electricas,
telefonos e pára-raios

Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15

LISBOA

TELEFONE C. 641

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA
GRELHA
COZE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS



EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CARDOSO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 35

"LINFATINA"
Nobre Sobrinho
BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando
lhes a "LINFATINA"—Nobre Sobrinho.
DEPOSITO
**Teixeira Lopes
& C. Lda.**
45. Rua de Santa Justa, 1.º
LISBOA

CARDOSO

TELEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

OS MAIS BONS MO-
DELLOS DE CHAPEUS
PARA SENHORAS

SEMPRE SORTIMENTO
EM CHAPEUS DE LUTO

PAULINO FERREIRA

ENCADEIRADOR DURADOR

Casa fundada em 1874

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ MOVIDAS A ELECTRICIDADE

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

DIPLOMAS DE HONRA na Exposição da Caixa Economica

Operaria e na Exposição da Imprensa

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Trindade, 80 e 82—LISBOA

TELEFONE 3495 N.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 BSC -
TRIMESTRE - 12 BSC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10
ESTRANGEIRO
ANO 64x24 - SEMESTRE 32x12

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.



AS PROEZAS DA CARRIS

Um electrico "directo"... ao Hospital da Estrela.

Desfez-se a lenda de que o material da Carris é o «melhor do mundo». A pena é que, devido ao pessimo estado deste carro, com o perigo de vida de muitas pessoas, o monstro foi-se despedaçar contra o Hospital da Estrela, deixando logo ali os sete feridos que fez.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING